

# MASCULINIDADE FRAGILIZADA: UM OLHAR SOBRE A PERSONAGEM RIGOBERTO, DE VARGAS LLOSA

\*\*\*

## MASCULINIDAD FRAGILIZADA: UNA MIRADA SOBRE EL PERSONAJE RIGOBERTO, DE VARGAS LLOSA

Fábio Júnio Vieira da Silva<sup>1</sup>

Walnice Aparecida Matos Vilalva<sup>2</sup>

**Recebimento do Texto:** 07/02/2025

**Data de Aceite:** 03/03/2025

**Resumo:** O texto propõe apresentar uma análise da personagem don Rigoberto, personagem este presente nas narrativas, *Elogio de la madrastra*, novela publicada em 1988, e *Los cuadernos de don Rigoberto*, romance publicado em 1998, tomando como ponto de partida as personagens Alfonso e don Rigoberto, personagens que fazem parte não somente desses dois textos romanesco, mas também do texto infantil, *Fonchito y la luna* (2010) e *El héroe discreto* (2013), romances publicados pelo escritor peruano e Nobel de literatura em 2010, Jorge Mario Pedro Vargas Llosa. Nosso objetivo é analisar a personagem don Rigoberto, visando averiguar até que ponto ela representa o homem, macho e sua masculinidade, não somente na sociedade peruana e/ou latino-americana, mas pensando o homem em suas dinâmicas sociais e em sua intimidade sexual/erótica. As teorias utilizadas de Saffioti (1987); Hookes (2021); Dussel (1990); Bourdieu (2002) e Beauvoir (2016).

**Palavras-Chave:** América Latina. Masculinidade. Personagem. Romance. Vargas Llosa.

**Resumen:** El texto se propone presentar un análisis del personaje de don Rigoberto, figura presente en las narrativas *Elogio de la madrastra* (novela publicada en 1988) y *Los cuadernos de don Rigoberto* (novela publicada en 1998). Este análisis toma como punto de partida a los personajes de Alfonso y don Rigoberto, quienes forman parte no solo de estos dos textos novelescos, sino también del texto infantil *Fonchito y la luna* (2010) y de la novela *El héroe discreto* (2013), todas obras del escritor peruano y Nobel de Literatura 2010, Jorge Mario Pedro Vargas Llosa. Nuestro objetivo es analizar al personaje don Rigoberto, buscando averiguar hasta qué punto representa al hombre, el macho y su masculinidad, no solo en la sociedad peruana y/o latinoamericana, sino considerando al hombre en sus dinámicas sociales y en su intimidad sexual/erótica. Las teorías utilizadas son de Saffioti (1987); Hookes (2021); Dussel (1990); Bourdieu (2002) y Beauvoir (2016).

**Palabras Clave:** América Latina. Masculinidad. Personaje. Novela. Vargas Llosa.

---

1 Mestre e doutorando em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL- UNEMAT), orientado pela doutora Walnice Aparecida Matos Vilalva e pesquisador do Núcleo de Pesquisa Wladimir Dias Pino. E-mail: fabiopedletras@gmail.com/ fabio.junio@unemat.br

2 Doutora em Teoria e História Literária pela UNICAMP (2004), Pós-doutorado em Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo – USP (2016). Pós-doutorado em Literatura Brasileira (em andamento) pela Universidade Federal de Londrina. É professora adjunta da Universidade do Estado de Mato Grosso. E-mail: walnicevilalva@unemat.br

## Introdução

A literatura latino-americana não precisa ser mercadológica e, muito menos, idealizada como uma literatura voltada para o puro entretenimento. A literatura da América Latina é uma urgência, uma necessidade de produzir identidades, de delimitar e difundir a cultura desse espaço global povoado de multiculturalismos. Há uma certa urgência no sentido de difundir os mais variados *modus vivendi* e necessidade de apresentar as temáticas e cenários que são extremamente belos e significativos no continente, bem como projetar um futuro em que o colonizador não tenha influência sobre as artes aqui produzida, talvez esse pensamento pareça utópico, uma vez que nem as artes e nem os discursos que fazem delas são inéditos. A ideia de decolonização não está presente nas obras de Vargas Llosa. Não é sobre o processo de descolonização que este artigo pretende abarcar, mas a configuração das masculinidades presentes nas obras, *Elogio de la madrastra*, e *Los cuadernos de don Rigoberto*.

Os romances que elegemos para analisar as peripécias das personagens são romances urbanos, pois todos os cenários fazem parte da capital peruana, Lima. Nossa reflexão se dará a partir das peripécias estabelecidas entre as personagens masculinas, Alfonso e don Rigoberto, em seus tratos com as personagens femininas, Lucrecia e Justiniana. Utilizando-nos dos discursos estabelecidos entre as personagens procuraremos delinear e caracterizar o macho, homem latino, que as obras procuram representar. No entanto, estaremos atentos ao que indica Saffioti (1987) em seu livro, *O poder do macho*, de 1987.

No entanto, a razão mais importante do desinteresse dos homens pela problemática feminina reside no fato de que, em geral, não se lhes mostra a face oculta do “privilegio” do macho. E por que não o fazem? Ora, no momento em que o homem entender que também ele é prejudicado pelas discriminações praticadas contra as mulheres, a supremacia masculina estará ameaçada. E com ela estarão também ameaçados o duplo padrão de moral que alimenta a família burguesa, a própria família, o domínio dos poderosos. (Saffioti, 1987, p.p. 6-7)

Na argumentação da autora há uma preocupação que está além da problemática do universo feminino, mas como o homem pode ser o agente agravador desses questionamentos. É certo que houve consideráveis mudanças sociais a partir dos estudos feministas, inclusive em países como Brasil e Peru, no entanto ainda precisamos compreender como o machismo, característica crucial das sociedades patriarcais, comparece nos enredos de romances como os que estamos a abordar. E não somente nesses, mas também em outros textos inclusive da literatura brasileira escrita por mulheres como nos contos de Lygia Fagundes Telles, para exemplificar, mencionaremos dois contos presentes na coletânea *Antes do baile verde* (1970), o **Venha ver o pôr do sol** e **O menino**. No primeiro, temos uma trama da personagem masculina (Ricardo) que, para se vingar da ex-namorada (Raquel), por ela ter escolhido um outro homem com melhores condições financeiras, ela convida para ver o mais belo do pôr do sol pela última vez e acaba por a trancafiar em uma tumba no fim de um cemitério abandonado. “Durante algum tempo ele ainda ouviu os gritos que se multiplicaram, semelhantes aos de um animal sendo esfaqueado” (Telles, 2009, p.143). Já o segundo, trata da traição feminina, a mãe depois de se arrumar toda, leva o filho ao cinema e lá deixa ser tocada nas mãos e nas coxas por um homem que o menino desconhece. O menino volta para casa e encontra seu pai no sofá, com toda vontade de contar-lhe sobre o que a mãe fez, porém resiste: “O menino encarou-o demoradamente. Aquele era o pai. O pai. Os cabelos grisalhos. Os óculos pesados. O rosto feio e bom...” (Telles, 2009, p.176). Nesse caso, como não há uma descoberta, não há uma punição para a mulher, quem se autopune é o menino que vai ao quarto chorar enquanto o pai continua sua leitura do jornal. Essa ideia de ter relacionamentos perfeitos com a estrutura de família patriarcal ainda persiste, porém sempre houve trincamentos. Essas rachaduras são apontadas pelos textos romanescos desde sempre. A estrutura familiar defendida na sociedade patriarcal se esvazia, e não é de hoje, a literatura como uma bússola sempre aponta para algo novo. O que de certa forma já aparecia nos romances libertinos do século XVIII, por exemplo, Tais narrativas sempre colocaram em evidências as instituições religiosas e estatais, entre elas a estruturação familiar, para a partir desse lugar mostrar o declínio dessa organização, não somente os libertinos, mas também as narrativas picarescas.

## Rigoberto e seus escritos: o homem e seus pensamentos

Ao que nos parece, os romances *Elogio de la madrastra* e *Los cuadernos de don Rigoberto*, estão de certa forma alinhados e procuram defender a estrutura de família em que se evidencia a dominação masculina. Não somente pela quantidade de personagens, mas também pela hierarquização destes.

Quando se trata do patriarcado a socióloga Bell Hookes, em seu livro, *Deseo de cambiar: Hombres, masculinidad y amor*, declara:

El patriarcado es la enfermedad social más mortífera que ataca el cuerpo y la mente de los hombres de nuestro país. Sin embargo, la mayoría de los hombres no utilizan la palabra “patriarcado” en la vida diaria. La mayoría de los hombres nunca piensa en el patriarcado, lo que significa, cómo se crea y se mantiene. Muchos hombres de nuestro país no podrían deletrear la palabra o pronunciarla correctamente. La palabra “patriarcado” simplemente no es parte de su pensamiento o de su discurso cotidiano normal. Los hombres que han oído y conocen la palabra suelen asociarla con la liberación de la mujer, con el feminismo y, por tanto, la descartan como irrelevante para sus propias experiencias. (Hookes, 2021, p.33)

Nessa perspectiva, não há que admirar que a literatura reproduza alguns aspectos sociais importantes que precisam ser averiguados em sua funcionalidade. Ou seja, escritores que conseguem defender o patriarcado sem o questionar, pelo contrário, oferecem aportes que subsidiam suas defesas. Como bem argumenta a socióloga no excerto, a palavra não faz parte do rol de palavras corriqueiras e quando aparece nas discussões é logo descartada porque está geralmente associada aos estudos feministas, ou ao feminismo de maneira geral. Contudo, ao olharmos as narrativas de Vargas Llosa, principalmente *Elogio* e *Los cuadernos*, nos deparamos com narradores e personagem que representam bem essa tipologia social. Em que se procura manter um discurso religioso, conservador e preservar o que podemos chamar de heteronormatividade.

Há um rechaço de parte do feminismo em uma das anotações de don Rigoberto em *Los cuadernos de don Rigoberto*,

Estoy seguro que no todos ustedes son maricones, única razón tibiamente aceptable para justificar el pantalonismo rotario (león, kiwani, boyscout, etcétera). Esta es mi tesis: ser rotario es un pretexto para pasar unos buenos ratos masculinos, a salvo de la vigilancia, servidumbre o formalidad que, según ustedes, impone la cohabitación con la mujer. Esto me parece tan anticivilizado como la paranoia de las recalcitrantes feministas que han declarado la guerra de los sexos. (Llosa,1997, p.73).

Esse é um fragmento usado pela personagem don Rigoberto para criticar os rotarianos que ele chega a comparar alguns com homossexuais. Quando se coloca o discurso nessa perspectiva há uma tentativa de não somente rebaixar aos rotarianos, mas também de desvalorizar o homem por sua prática sexual, sua identidade e, por fim, repete-se o que vem sendo produzido na sociedade. Tal posição discursiva pode revelar uma fuga, a tentativa de repudiar algo que pouco lhe diz respeito, associando isso a uma identidade sexual pode soar como se a personagem procurasse camuflar em si sua própria identidade sexual, ou na melhor das hipóteses, se reafirmar macho procurando encaixar os outros em uma categoria que ele de alguma forma acha menor, ou que por se identificar, despreza. Nas palavras de Hookes (2021): “El patriarcado necesita el dominio masculino por cualquier medio, por eso apoya, promueve y perdona la violencia machista” (Hookes, 2021, p.33). Sobre a ótica do que diz a autora, nossa personagem encontra um lugar de apoio para proferir tais discurso. Uma vez que ele usa “que no todos ustedes son maricones”, a personagem não só violenta o discurso, mas procura promover os que não se enquadram como homossexuais, violenta na sua intimidade e, para tanto, violenta também os que são hétero, ao dizer que estes participam do Rotari porque tal participação promove aos homens “pasar unos buenos ratos masculinos” que só são permitidos longe das mulheres.

Quando esse mesmo narrador-personagem, em momentos anteriores, ao ler suas anotações sobre a prática desportiva no subtítulo, **Diatriba contra el deportista**, informa ao leitor seu modo de ver os homossexuais, para tanto mobiliza seu conhecimento da cultura grega e mescla a antiguidade e a atualidade para descrever o motivo de não arriscar a ter relações homoafetivas. Em um primeiro momento ele afirma:

El deporte, cuando Platón, era un medio, no un fin, como ha tornado a ser en estos tiempos municipalizados de la vida. Servía para enriquecer el placer de los humanos (el masculino, pues las mujeres no lo practicaban), estimulándolo y prolongándolo con la representación de un cuerpo hermoso, tenso, desgrasado, proporcionado y armonioso, e incitándolo con la calistenia pre-erótica de unos movimientos, posturas, roces, exhibiciones corporales, ejercicios, danzas, tocamientos, que inflamaban los deseos hasta catapultar a participantes y espectadores en el acoplamiento. Que éstos fueran eminentemente homosexuales no añade ni quita coma a mi argumentación. (Llosa, 1997, p.55).

Faz-se inteiramente necessário pensar no que a personagem observa para poder descrever quase poeticamente os homens em suas práticas de desporto. Observação que se externa, mas que se exaure na expressão “no añade ni quita coma a mi argumentación”, uma perda de tempo então seria praticar esportes. Ou tal prática estaria restrita somente aos homossexuais. Em se tratando da Grécia antiga, esse discurso teria talvez fundamento, porém quando esse mesmo discurso é transposto para a atualidade, como bem enfatiza a personagem: “como ha tornado a ser en estos tiempos municipalizados de la vida”, lançando mão do contexto grego, parece deixar claro que o que será dito a seguir diz respeito a uma prática de esporte exclusivamente homossexual, com uma diferença, lá as mulheres não praticavam. Disso bem sabemos, que as conquistas femininas são muito recentes e que a luta das mulheres na América latina ainda é constante e desafiadora. Os espaços ocupados pelos homens e as diferenças nos tratamentos e salário ainda são temas de ampla discussão no meio político, social e na academia.

Nessa diatribe, essa crítica ferrenha que o narrador-personagem faz questão de escrever em seus cadernos não escapa o vislumbre dos corpos e as atitudes dos atletas. A linguagem não deixa escapar aos olhos do leitor os movimentos, veja quantos detalhes a personagem no uso do discurso mostra ao seu espectador; “cuerpo hermoso, tenso, desgrasado, proporcionado y armonioso”. Os adjetivos sobescritos dão conta do que os olhos do interessado desejam. Pela perspectiva da admiração do corpo masculino em seus pormenores, percebemos a presença de certa feminilidade na construção da personagem don Rigoberto. Dussel (1990) afirma: “La mujer es la portadora privilegiada de la femineidad,

pero no es exclusiva, el varón sería el portador privilegiado de la masculinidad, pero no exclusivo” (Dussel, 1990, p.30). Por mais que don Rigoberto se defina como homem viril, que satisfaz sua mulher, em *Los cadernos de don Rigoberto* essa ideia fica restrita a anotações fantasiosas. É evidente que a virilidade está relacionada ao comportamento do sujeito do sexo masculino, e essa virilidade se compraz no interdito sexual. Momento em que o masculino tem a possibilidade se animalizar, tornando-se o macho (homem) em relação à fêmea (mulher). Mesmo o homem se supondo viril, Beauvoir (2016) afirma:

Há numerosos homens que não aceitam nunca essa divisão entre a carne e a consciência. Com muito mais razão a maioria das mulheres não consentirá em encará-la. Há, de resto, nisso, uma mentira a que elas são mais sensíveis do que o homem: o cliente que paga é também um instrumento, dele se serve o parceiro como de um ganha-pão. O orgulho viril mascara ao homem os equívocos do drama erótico. (Beauvoir, 2016, p.512).

Don Rigoberto não é de carne e osso, mas ao representar um homem, casado, com filho e empregados, morador de Lima, capital do Peru, se inscreve como sujeito narrativo que é passível de análise e capaz de transmitir os ideais da cultura em que está inserido. Portanto carrega consigo, pelo menos no nível da linguagem um corpo (carne) e um discurso (consciência). Amalgamando em seu discurso o máximo de elementos culturais que o faz representante desse sujeito latino já estabelecido, advindo de um processo de colonização e de um agregado enorme de culturas as quais se se insere. E a cultura da dominância masculina toma parte de sua principal maneira de dialogar com os leitores. É importante ressaltar que não é só don Rigoberto que se embrenha nessa ideia de que o homem para ser digno de tal definição seja viril, uma vez que a virilidade, de acordo com Beauvoir, “mascara ao homem os equívocos do drama erótico”, ou melhor, o animaliza. Uma vez que o erótico é intrínseco ao ser humano, o coito passa a ser puramente carnal e não encerra na consciência nenhum tipo de sentimento se fixando na esfera do gozo, da satisfação imediata e efêmera.

Nos discursos de don Rigoberto o homem se torna insensível ao que o outro sente, pois não há e não somos informados pelo narrador se houve algum

luto quando da ocasião da expulsão de Lucrecia depois do diálogo que tivera com Alfonso, e este lhe informou que Lucrecia teve um orgasmo indecifrável e contou da redação que tinha como título *Elogio de la madrastra*:

–¿Sabes que me gustaría leer ese “*Elogio de la madrastra*”?  
–Claro, papacito –se entusiasmó el niño. Se puso de pie de un salto y echó a correr–. Así, si hay una falta, me la corriges. En los pocos minutos que tardó Fonchito en volver, don Rigoberto sintió que el malestar crecía. ¿Demasiado whisky, tal vez? No, qué ocurrencia. ¿Indicaba esa opresión en las sienes que caería enfermo? En la oficina, había varios griposos. No, no era eso. ¿Qué, entonces? Recordó aquella frase de Fausto que lo había conmovido tanto de muchacho: “Amo al que desea lo imposible”. Él hubiera querido que fuera su divisa en la vida, y, en cierta forma, aunque de manera secreta, alentaba la sensación de haber alcanzado aquel ideal. ¿Por qué tenía ahora la angustiosa premonición de que un abismo se abría a sus pies? ¿Qué clase de peligro lo amenazaba? ¿Cómo? ¿Dónde? Pensó: Es absolutamente imposible que Fonchito haya oído decir a Lucrecia “Tuve un orgasmo riquísimo”. (Llosa, 2008, p.p. 119-120).

Há na mente da personagem uma gama de pensamentos que desembocará na leitura da redação, tal leitura causará o afastamento do casal, porém o leitor não ficará sabendo de imediato, seus anseios serão sanados pelo narrador em um outro momento, ou seja, o leitor só descobrirá que houve separação no **Epílogo**. No momento em que Justiniano questiona a falta de remorso que carrega por ter provocado a separação do pai da madrastra. No fragmento acima parece não acreditar no que ouviu do filho, mas a narrativa de *Elogio de la madrastra* não nos permite ter acesso ao que ocorre depois e nem como essas questões são respondidas. O desfecho parece ser o silenciamento do discurso feminino frente à dominação masculina. O apagamento dos dois discursos na narrativa faz-nos refletir a respeito da superioridade masculina, ou seja, a mulher não estaria apta a se defender, pelo menos é o que fica claro para o leitor, pois todo o subcapítulo, “*La mala palabra*”, se estrutura no diálogo entre pai e filho, a Lucrecia se resume a um discurso mínimo: “–Hola, hola, caballero y caballero –cantó desde el umbral del escritorio doña Lucrecia” (Llosa, 2008, p.121). O mínimo é dado à personagem feminina e ao leitor que espera uma discussão e anseia por uma



defesa dessa personagem, no entanto, a lacuna narratológica será preenchida, não suficientemente, no epílogo e dez anos mais tarde com a publicação de *Los cuadernos de don Rigoberto*, esses lugares bem demarcados evocam o pensar a respeito de uma certa dominação que até algum tempo era amalgamada ao termo “honra”, nas palavras de Bourdieu (2012):

[...] o homem “verdadeiramente homem” é aquele que se sente obrigado a estar à altura da possibilidade que lhe é oferecida de fazer crescer sua honra buscando a glória e a distinção na esfera pública. A exaltação dos valores masculinos tem sua contrapartida tenebrosa nos medos e nas angústias que a feminilidade suscita: fracas e princípios de fraqueza enquanto encarnações da *vulnerabilidade* da honra, da *h'urma* (o sagrado esquerdo feminino, oposto ao sagrado direito, masculino), sempre expostas à ofensa, as mulheres são também fortes em tudo que representa as armas da fraqueza, como a astúcia diabólica. (Bourdieu, 2012, p. 64. Grifos do autor).

A narrativa não isenta o leitor de compreender a postura do narrador em detrimento de suas personagens, nada é dito ao léu, o que não é dito também significa muito. O texto com suas lacunas exige do leitor seu preenchimento. E, que tem um duplo apagamento dos atos que sucedem ao fato da leitura da redação de Alfonso, permite inferir significado a partir do que fora narrado antes e muito depois do sobressalto que a narrativa dá antes do epílogo. Que é uma curta história que buscar refazer o anúncio do nascimento de Jesus pelo anjo, reforçando na narrativa o marianismo e a ideia de maternidade e santidade, para reforçar a ideia de estrutura familiar estabelecida pelo patriarcado que é a base das sociedades que tem o cristianismo e o judaísmo como bases religiosas.

Pensando nas lacunas textuais do romance mobilizamos o excerto supracitado para pensar a respeito de duas possibilidades para esse apagar, uma é a manutenção da honra masculina que não pode ser maculada com uma infidelidade feminina e não somente isso, a infidelidade estaria relacionada ao estupro de vulnerável. Don Rigoberto como um homem, não pode e nem deixaria a sua honra maculada, ele, como representação do homem viril, tem de aumentar essa honra, não a diminuir com um assunto tão sério como esse.

O segundo apagamento na narrativa parece-nos estar relacionado fato de que a mulher está na esfera inferior, no entanto, não como seres propensos a falhas, como seres corrompedores e com muita astúcia “diabólica”, nesses termos pensamos a mulher nas mais variadas narrativas fundamentais, como na bíblica, na qual Eva convence Adão de comer o fruto proibido, e em muitas outras em que a mulher protagoniza momentos marcantes e impérios são destruídos por causa de suas influências sobre homens e deuses, como acontece nas narrativas gregas.

Ainda na perspectiva de Bourdieu, quando diz que a mulher está sempre exposta às ofensas, nas narrativas de Llosa, essas mulheres são subjugadas tendo como valor primordial o corpo em detrimento de seus sentimentos e intelecto. No caso de Lucrecia, temos o desenrolar dos fatos e ficamos estarecidos quando lemos:

-No me fui de la casa -lo reprendió doña Lucrecia, entre dientes-. Rigoberto me largó como a una puta. ¡Por tu culpa!  
-No digas lisuras, madrastra -El niño alzó ambas manos, escandalizado-. No las digas, no te sienta. A pesar de la pena y la cólera, doña Lucrecia estuvo a punto de sonreír. ¡No le sentaba decir palabrotas! ¿Niñito perspicaz, sensible? Justiniana tenía razón: una víbora con cara de ángel, un Belcebú. (Llosa, 1997, p.12).

A palavra dada a personagem Lucrecia em um único enunciado denota o que fora deixado de mencionar em *Elogio de la madrastra*. A personagem faz emergir no texto narrativo um enunciado que não só evoca o pejorativo, mas faz o leitor pensar em que situação a relação havia terminado. Uma vez que, despedir uma puta ou dispensar uma mulher profissional do sexo pode variar muito de acordo com o modo e as condições que tal trabalho foi realizado, ou ainda, as condições financeiras do vão pagante por tal trabalho. Pensando em don Rigoberto como um intelectual, amante das artes eróticas e nada apegado à espiritualidade, esperaria dele outro tratamento. No entanto, há nas cenas em que ele e Alfonso conversam um ingrediente extra, o álcool, que por vezes ele se refere como algo que parece estar alterando seus sentidos.

Largar Lucrecia como se larga uma puta, faz todo sentido quando se há um nível elevado de estresse, no entanto, parece que o diálogo fora mínimo e o

objetivo do menino alcançado. Levando em conta tais acontecimentos, podemos pensar que, se a mulher é do sexo frágil por não ter a mesma força física que o homem, este por sua vez se fragiliza a ponto de tornar-se irracional, fazendo-o operar socialmente como um animal, ou seja, alocar o homem em seu lugar de *macho*, ou homem com H, que ao não aceitar tais atitudes femininas, no caso de don Rigoberto, a relação sexual entre o filho menor de idade, Alfonso, e sua a madrasta, Lucrecia.

Na narrativa só ficamos sabendo que Lucrecia foi largada como uma puta por intermédio dela mesma, ao homem não é dado o direito de falar de tais nuances, por quê? O motivo é simples, se o homem expressa o que sente desmorona a ideia de macho, rústico e viril, nas palavras de Saffioti (1987):

Mas ser macho não significa somente ter êxito econômico. Ao macho estão sempre associados valores tais como força, razão, coragem. Logo, os raquíticos, os afetivos, os tímidos são solicitados impositivamente a se comportarem de forma contrária as suas inclinações. São, pois, obrigados a castrarem certas qualidades por serem estas consideradas femininas, por conseguinte, negativas para um homem. Para não correr o risco de não encarnar adequadamente o papel do macho o homem deve inibir sua sensibilidade. (Saffioti, 1987, p. 25).

As duas narrativas, as quais nos debruçamos, abarcam a ideia que nos traz esse pensamento de Saffioti, temos dois personagens masculinos que congregam diferentes formas de agir no seu mundo de macho dominador. Don Rigoberto, o provedor que domina a mulher e o filho Alfonso que com seus discursos e choros consegue dominar também a madrasta e impor-lhe tarefas que a princípio parece a ela descabida e desnecessária. Alfonso com seus dengos e choros expõe sua fragilidade, sua beleza e seus traços angelicais. Em contrapartida, temos don Rigoberto bastante reservado, poucas falas diretas, no entanto, o conhecemos pelas suas anotações em seus cadernos e pelo narrador que nos informam os pensamentos e ações que o corpo sofre por causa desses pensamentos, isso é evidenciado no subcapítulo “*Abluciones de don Rigoberto*” em *Elogio de la madrasta*, nessa parte da narrativa don Rigoberto se demora no banheiro, se limpa, se olha, pensa, faz reflexões sobre arte e erótica, tem ereções. Isso tudo

destoa da condição de homem, macho. O macho em nossa sociedade até pouco tempo deveria evidenciar sua virilidade em seus tratos com os demais, nas roupas rústicas e na aparência, por vezes descuidada, como roupas que demonstravam o trabalho braçal e barba por fazer. Demorar-se ao banho e cuidar de cada parte do corpo não era tarefa dos homens tido como viris, isso ficava a cargo das mulheres. Tal situação está empregado no consciente das sociedades machistas que as mulheres sempre se atrasam em se arrumar para sair.

## Considerações Finais

Eleger a personagem don Rigoberto para analisar sua constituição masculina é desafiador, porque a personagem segue seu constructo a partir da exemplaridade mais cruciais do que podemos chamar de sociedade patriarcal e machista. Nele percebemos algumas condições necessária à defesa dessa sociedade. A construção dessa personagem favorece sobremaneira a estruturação das narrativas eróticas llosiana. Uma vez que o vimos cumprir seu papel marital desde o primeiro capítulo de *Elogio de la madrastra* até o epílogo de *Los cuadernos de don Rigoberto*. Para que esse papel sirva de exemplo, a personagem se fragiliza, ou fragiliza sua masculinidade deixando aberta a porta para essa análise. Uma vez que, as condições necessárias para que a personagem se categorize como sujeito narrativo é necessário que se submeta a todas as questões humanas. Porque, como ser humano as personagens são constituídas a partir das relações que estabelecem com o tempo, espaço e as demais personagens na diégese narrativa.

Don Rigoberto faz seu papel no coito com Lucrecia, porém, há momentos em que se pega na solidão do *cuarto de baño*, tendo ereções em pensar em seu próprio corpo. Por vezes tenta manter sua condição de macho ao não demonstrar o que está sentindo. Há dois momentos cruciais, na conversa com Alfonso, o que sente atribui ao *wisk* que está tomando, mas quando Lucrecia os saúdam, a narrativa se encerra e volta com os desfechos prontos. A narrativa esconde o que don Rigoberto sente ao despedir Lucrecia, não há luto para ser narrado, não há explicação narratológica íntima para os sentimentos da nossa personagem.

Nem o narrador, nem a personagem tem o que dizer, pois se o fizessem fragilizaria as masculinidades de ambos. A mulher é permitida dizer o que sente, ao

homem resta-lhe esconder seus sentimentos, não chorar e nem lamentar. Porque na sociedade que diz que o homem para ser macho precisa inibir o que sente, e se portar, em algumas condições grosseiramente, porque “homem não chora”, nas narrativas, quem chora são as mulheres e o menino Alfonso. Portanto, a condição masculina de don Rigoberto também é frágil, e seus espectros sentimentais atendem ao que a narrativa propõe, porém não exime dele a fragilidade presente também em todos os homens ditos machos, viris e dominadores.

## Referências

BABINEAUX, María Fernández: El discurso contracultural: La Madre Santa y la madre sexual en Elogio de la madrastra de Mario Vargas Llosa. **Espéculo**. Revista de estudios literarios. Universidad Complutense de Madrid, Vol. 2, Nº. 4, 2010, págs. 1-13.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. Tradução de Aurora Fornoni Bernadin [et al]. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Tradução: Hortênsia dos Santos. 16. ed. Francisco Alves editora, Rio de Janeiro, 2001.

BARTHES, Roland. **Incidentes**. Tradução: Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução: J. Guinsburg. 6. ed. Perspectiva, São Paulo, 2015.

BATAILLE, Georges. **A parte maldita, precedida de “a noção de dispêndio”**. Tradução: Júlio Castañon Guimarães. 2. ed. Autêntica, Belo Horizonte, 2013.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução: Fernando Scheibe. 1. ed. Autêntica, Belo Horizonte, 2017.

BAUDRILLAR, Jean. **Da sedução**. Tradução de Tania Pellegrini. Campinas: Papirus, 1991.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução de Sérgio Milliet. 3 ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2016.

BIRMAN, Joel. **Gramaticas do erotismo: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise**- 1 ed. Civilização brasileira, Rio de Janeiro, 2001.

BORÓN, Atilio. **O feiticeiro da tribo: a farsa de Mario Vargas Llosa e do neoliberalismo na América Latina**. Tradução de Franco Lopes. Autonomia literária, São Paulo, 2021.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**/Pierre Kühner. Tradução Maria Helena Bertrand - 11º ed. Bertrand Brasil, - Rio de Janeiro. 2012.

CARDIM, Leandro Neves. **Corpo**. (Filosofia frente & verso). São Paulo: Globo, 2009.

DUSSEL, Enrique. **Para una erotica latino-americana**. Fundacion Editorial el perro y la rana, Caracas, 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade III: cuidado de si**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

HOOKE, Bell. **El deseo de cambiar: hombres, masculinidad y amor**- Tradução de Javier Sáez del Álamo- 1.ed. Bellatierra edicions. Manchester, 2021

LLOSA, Mario Vargas, **Os cadernos de don Rigoberto** - tradução Joana Angélica d'Ávila Melo. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

LLOSA, Mario Vargas. **Elogio da madrasta** - tradução Ari Roitman, Paulina Wacht. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

LLOSA, Mario Vargas. **Elogio de la madrastra**. 1ª ed, Alfaguara, Buenos Aires 2008.

LLOSA, Mario Vargas. **Los cuadernos de don Rigoberto**. 1ª ed, Alfaguara, Madrid. 1997.

PÉREZ, Carlos D. **Do gozo criador**. Tradução de Rolando Lazarte. Campinas: Escuta, 1987.

REIS, Carlos. **Dicionário de Estudos Narrativos**. Grupo Almedina S.A. Coimbra, 2018.

ROSENFELD, Anatol. **Texto/Contexto I**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SANTAEMILIA, José: “*Amor y erotismo en Vargas Llosa y su traducción al inglés*”.  
TRANS: revista de traductología, 2010 p. 125-141

TACCA, Oscar. **As Vozes do Romance**. 2ª edição. Tradução de Margarida Coutinho Gouveia. Coimbra, Portugal: Livraria Almedina, 1983.

TELLES, L F. **Antes do baile verde**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

*O conteúdo deste texto é de responsabilidade de seus autores.*